

Em Busca dos Gêneros Jornalísticos Literário e Gonzo em reportagens das revistas TRIP e TPM ¹

Ana Carolina CAMPOS²
Agda Emanuelle ANASTACIO³
Alexandre Zarate MACIEL⁴
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

Este estudo consiste em estabelecer uma análise comparativa de especiais com temas polêmicos publicados nas revistas Trip e Tpm. O objetivo é entender a construção da narrativa dos conteúdos e se há utilização dos gêneros jornalísticos Gonzo e Literário. Segundo a autora La-Rocque (2006), são estilos do jornalismo que visam fugir da produção convencional. Em síntese, o objeto da pesquisa se pauta na seleção de duas reportagens de cada revista que serão explanadas por quatro categorias de análise criadas a partir da concepção de Tom Wolfe (2005) sobre o Novo Jornalismo. A base metodológica é firmada no método qualitativo e na análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Trip; Tpm; Novo Jornalismo; Jornalismo Gonzo; Jornalismo Convencional.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise comparativa de especiais com temas polêmicos publicados em duas revistas brasileiras, a Trip e Tpm, com o propósito de compreender como se dá a construção das narrativas das reportagens e matérias em revistas, e se a produção de tais conteúdos midiáticos utiliza os gêneros jornalísticos gonzo e literário, vertentes do chamado Novo Jornalismo norte-americano, esses estilos apresentam como principal característica a tendência de buscarem ir além do convencional, não somente em termos técnicos, mas experimentando a produção de conteúdo de não-ficção no jornalismo, utilizando inúmeros recursos literários (WOLFE 2005).

¹ Trabalho apresentado na IJ01-Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo pela UFMA (Universidade Federal do Maranhão), e-mail: anacarolinacamposales@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso Comunicação Social –Jornalismo pela UFMA (Universidade Federal do Maranhão), emanuelleanast@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Alexandre Zarate MACIEL, Professor do Curso de Comunicação Social– Jornalismo da UFMA, (Universidade Federal do Maranhão), alexandremaciel2@gmail.com

O jornalismo convencional, como destaca Pena (2008), afirmado na segunda metade do século XX, passou a ser identificado pelo uso do *lead*, que nada mais é do que o relato sintético do acontecimento logo no início do texto, buscando responder às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê?. É também caracterizado pelo aspecto da pirâmide invertida, “estrutura narrativa que consiste em um relato que prioriza não a sequência cronológica dos fatos, mas escala em ordem decrescente os elementos mais importantes. Hierarquiza o essencial, de modo a apresentar inicialmente os mais atraentes, terminando por aquele de menor apelo” (PENA, 2008, p.48).

⁵Em entrevista exclusiva para o blog JL (Jornalismo Literário), o pesquisador Edvaldo Pereira Lima, um dos principais responsáveis pela difusão do gênero no Brasil, autor de livros como “Páginas Ampliadas” e “Jornalismo Literário para Iniciantes”, duas importantes publicações sobre escrita criativa e profunda, argumenta sobre a crise no jornalismo convencional, que segundo o pesquisador, atualmente se apresenta como uma prática defasada, visto que só se caracteriza, principalmente, pelo seu caráter informativo e opinativo.

Não dá para competir dessa maneira com a velocidade dos veículos eletrônicos – rádio, web e televisão incluídos – repetindo na edição gráfica o que todo o mundo já soube por outros meios [...] Ora, a parte mais nobre do jornalismo é a narrativa sólida, contextualizada, humanizada e compreensiva da história imediata de todos os dias, de todas as horas, de toda a semana, de todo o mês, de todo o ano[...]O jornalismo continua a ler a realidade com os olhos – já míopes e de lentes embaçadas – que lhe deu a ciência do século XIX. Não dá para compreender o complexo mundo moderno com uma lupa de aumento focada apenas nos aspectos superficiais da realidade. (MATOS, 2013)

Como destaca La-Rocque (2006), a revista é um periódico propício para os jornalistas que almejam fugir do jornalismo tradicional, pois ela se caracteriza por ⁵noticiar os fatos de maneira diferente, já que o tempo da produção estipulado aos repórteres é bem maior que nas redações de outros veículos midiáticos. Essa autonomia no tempo da produção faz com que as revistas apresentem fortes características do Novo Jornalismo. Nas revistas, os jornalistas também tiveram liberdade para produzir matérias além dos fatos cotidianos e passaram a lançar olhares mais atentos e contextualizados sobre assuntos como esporte, arte, política, moda, entre outros

⁵ Entrevista com Edvaldo Pereira Lima realizada pelo jornalista e editor do blog JL (jornalismo literário), Jhonatan Matos. Site:<https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/tag/jornalismo-convencional/>

segmentos. (LA-ROCQUE, 2006). Para a concretização de um produto midiático mais aprofundado e humanizado, alguns profissionais experimentaram elaborar reportagens com aprofundamento. Visando não somente responder às perguntas do *lead*, mas ir bem além deste aspecto, dando ênfase às perguntas *como* e *porquê*, que passaram a ser tão importantes e jamais caberiam em um ou dois parágrafos. (FURTADO, 2013).

1.1 Revistas Trip e Tpm

A revista Trip é uma publicação da editora Trip, lançada no mercado editorial em 1986, portanto, existe há 33 anos. “Desde o início, a proposta é a de um veículo de comunicação que busca por inovações e que apresente um jornalismo contemporâneo, voltado para a diversidade e amplitude de temas e opiniões” (LA-ROCQUE, 2006, p. 20).

A Trip é um periódico mensal que lança edições com temas como sexo, educação, ativismo, drogas entre outros. Embora traga temáticas que são universais e atemporais, existe no plano editorial a preocupação de discutir, especialmente, questões atuais. Como destaca Furtado (2013, p.152 apud Benetti; Stoech; Finatto), a revista Trip faz uso dos metacontecimentos, ou seja, lança mão de relatos que permitem aprofundar algo que está além do acontecimento inicial. “Os autores observam que no jornalismo de revista esse meta-acontecimento está associado ao que chama no jornalismo de ‘gancho’, um evento específico que torna algo que é atemporal”. (FURTADO, 2013, p 152 apud BENETTI; STOECH; FINATO)

Em 2001, a editora Trip lançou a revista Tpm, que tinha como propósito ser uma ramificação do periódico Trip, no entanto, visando atingir especificamente o público feminino e apresentando uma proposta inovadora em relação às publicações que eram destinadas às mulheres no Brasil. Desde a sua criação o periódico defende em sua linha editorial causas polêmicas, que envolvem o cenário social feminino, como a legalização do aborto no país, igualdade salarial entre homens e mulheres, liberdade sexual, inserção de mulheres na política e na ciência e a aceitação e bem estar com o próprio corpo.

“Segundo Paulo Lima, diretor da Trip e Tpm, as revistas têm como marca a experimentação e a ausência de visões pré-concebidas, o que para ele, é o grande diferencial das revistas. “Acho um jornalismo sincero, bastante contemporâneo. Nós experimentamos as coisas, vivenciamos para poder compartilhar. É um jornalismo muito voltado

para a diversidade, amplitude das opiniões e para discutir todos os ângulos das questões; um jornalismo sem preconceitos” (LA-ROCQUE, 2006, p. 20).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conceito e características do *New Journalism*

As convergências entre jornalismo e literatura, conhecidas como jornalismo-literário, jornalismo narrativo, ou Novo Jornalismo, são apresentadas em “Radical Chique e o Novo Jornalismo”, livro que reúne alguns dos principais artigos e reportagens que Tom Wolfe publicou nas décadas de 1960 e 1970. De acordo com Wolfe (2005) o surgimento do Novo Jornalismo na imprensa americana veio como forma de reação às regras de objetividade que até então prevaleciam na profissão.

Segundo ele, a ideia básica do Novo Jornalismo é evitar que os leitores se deparassem com um texto com um tom “bege pálido”, que os fizessem “chorar de tédio”, características que eram encontradas na “imprensa objetiva”.

Wolfe (2005) relata que no começo dos anos 1960, as redações jornalísticas dos Estados Unidos dispunham de dois tipos de profissionais, o primeiro tipo eram os jornalistas responsáveis por conseguir informações inéditas, escrever a notícia mais depressa, e disputar com outros jornais o famoso *furo* jornalístico. E o segundo eram os repórteres conhecidos como “escritores de reportagens especiais”.

As reportagens especiais se tornavam diferentes da categoria de notícia, pois esse novo modelo de escrita se encaixava entre o informativo e literário, possuindo as seguintes características: abordavam histórias de interesse humano, ou seja, os textos tinham relatos de pessoas comuns; os jornalistas contavam com maior liberdade na hora de escrevê-las, porém com uma exclusiva diferença, a de não haver absolutamente nada de fictício nos relatos dos periódicos que eram publicados, fazendo com que estas não se definissem totalmente como narrativas de ficção.

O termo *New Journalism* surgiu na década de 60 para classificar as grandes reportagens. Entre os primeiros especialistas em reportagem está o próprio Wolfe, que passou anos escrevendo para o *Herald Tribune*, junto com Charles Portis, Dick Schaap, Jemmy Breslin, e jornalistas de outras agências noticiosas, como Gay Talese e Robert Lipsyte, ambos escreviam para o *Times*, Michael Mok, do *Daily News*.

Em 1962, Gay Talese publicou na *Esquire* uma história sobre o lutador de boxe Joe Louis, fazendo o uso de passagens explicativas, descrição de cenas e de diálogos, fugindo totalmente dos padrões jornalísticos válidos na época, se aproximando muito mais a um relato do que uma matéria jornalística. O uso das técnicas que até então era utilizada para a escrita de um romance, foi incorporado ao fazer jornalístico. “Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance” (Wolfe, 2005, p.19)

As novas técnicas utilizadas por Talese inspiraram Wolfe que, em 1963, fez a sua primeira entrada neste híbrido jornalístico-literário, com a publicação, na *Esquire*, de *Aí vem (Vrum! Vrum!) Este Carrinho Bonitinho Aerodinâmico (Rahghhh!) Fluorescente (Thphhhhhh!) Fazendo a Curva (Brummmmmmmmmmmmm !)*, um artigo totalmente fora dos padrões jornalísticos da época.

“O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso- e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor”. (Wolfe 2005, p.28)

A partir disso, Wolfe começou a fazer experimentos em seus artigos aplicando recursos literários, como a caracterização de personagens, o monólogo interior, mudança do ponto de vista, uso de figuras de pontuação pouco convencionais e novas funções para narradores que até então eram seguidores de uma neutralidade dentro do jornalismo. Os jornalistas adeptos do *New Journalism* desempenharam outra importante particularidade na produção dos textos, que era a dedicação de um grande tempo para cobrir uma história, chegando a passar dias, em alguns casos até semanas.

O surgimento dessa nova forma literária balançou a estrutura da hierarquia da literatura, e para evitar a destruição dos cânones tradicionais, os literatos passaram a investir seus esforços para manter não-legitimada essa nova forma narrativa, classificando-a como “forma bastarda”, e “parajornalismo”. Isso funcionou sem problemas até os anos de 1965, quando um romancista publicou a saga da vida e da morte de dois homens que assinaram uma família de fazendeiros do Kansas. Tratava-se do escritor de renome Truman Capote, que passou a utilizar essa “forma bastarda”, o

que lhe deu a legitimidade que precisava. As técnicas literárias, não ficaram restritas apenas aos especialistas de reportagem dos Estados Unidos, autores de outros países como Rodolfo Walsh- argentino, José Arbex Jr- brasileiro, produziram textos com as características do Novo Jornalismo.

Segundo Wolfe (2005), essa nova concepção de gênero traz quatro características que são: a construção cena-a-cena, que conta a história passando de cena para cena; o uso de diálogos que ajudam a compor com maior profundidade os personagens; ponto de vista da terceira pessoa, que faz com que o leitor se insira na cena descrita, e se identifique com um personagem em particular; e intensa descrição dos personagens, que é o registro de hábitos, gestos, e outras particularidades.

2.1 Jornalismo de Gonzo: vertente do *New Journalism*

De acordo com Czarnobai (2003), na segunda metade dos anos 1960, com o pleno auge das novas liberdades editoriais proporcionadas pelo *New Journalism* na imprensa norte-americana, surge uma vertente mais radical do novo jornalismo, caracterizada pela interpretação extremada dos princípios do jornalismo literário criada pelo jornalista *free-lancer* Hunter S. Thompson. Principal representante de uma modalidade de jornalismo literário chamado *Gonzo Journalism*, Thompson propôs a travessia da barreira essencial que separa o jornalismo da ficção.

O jornalismo de gonzo caracteriza-se por um estilo de reportagem que tem um profundo envolvimento pessoal do repórter no processo da produção da matéria. (LAROQUE 2006). A principal característica é a construção dos acontecimentos a partir da visão do jornalista. Como descreve Czarnobai (2003), no jornalismo de gonzo o repórter tem uma captação participativa, ou seja, o jornalista não pode se contentar em apenas observar ou colher depoimentos das pessoas que vivem determinada experiência. Para ser jornalismo de gonzo, o repórter precisa ele próprio viver tal experimento, para oferecer aos seus leitores um maior aprofundamento de informações. Desta forma, ele acaba sendo objeto da sua reportagem, interferindo mesmo que involuntariamente, no destino da história. “Uma vez que a captação de dados é feita de forma participativa, o uso da primeira pessoa imprime legitimidade às histórias contadas pelo jornalista gonzo e o transforma em uma espécie de **jornalismo confessional**”. (CZARNOBAI 2003. Grifo do autor).

Outra particularidade marcante do gênero é o fato de não haver tanta preocupação em ter uma linguagem culta. Visto que, segundo Czarnobai (2003, p.38 apud Othitis, 1994) uma característica presente em quase todos os textos do jornalista Thompson era o uso de sarcasmo ou vulgaridade como forma de humor. Tais características, entre outras, colaboram para que as definições do termo Gonzo, em vários dicionários, sejam atribuídas ao seu caráter de gênero estranho, como exemplo, para a Cambridge International Dictionary of English, gonzo é uma gíria usada nos Estados Unidos e Austrália para definir um estilo de escrever "estranho e incomum". (CZARNOBAl, 2003)

Outro aspecto do gênero jornalístico Gonzo é que “ele geralmente é mais focado na experiência do que no próprio fato em si, e pequenos detalhes que parecem menos importantes acabam ganhando uma dimensão exagerada”. (CZARNOBAl, 2003, p. 40) Em seus textos, já era esperado que Thompson se distanciasse do assunto principal e passasse a abordar temas que, segundo ele, atrairiam mais a atenção de seus leitores. Esses assuntos, na maioria das vezes, eram sobre o comportamento humano.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo busca fazer uma análise comparativa de reportagens, com temas polêmicos publicados na revista Trip e Tpm. Procurando desvendar a construção da narrativa dos conteúdos das matérias especiais e identificar se há a utilização dos gêneros jornalísticos gonzo e literário. Para obtermos o resultado parcial desta pesquisa, utilizaremos o método de pesquisa qualitativa. De acordo com Guerra (2014), o pesquisador que escolhe esse método para sua pesquisa, terá como objetivo aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda a ação dos indivíduos, grupos e organizações em seu ambiente social.

Para compreender e identificar as características das reportagens, foram criadas categorias de análises fundamentadas em Wolfe (2005), que caracteriza o Novo Jornalismo como um espaço onde se pode usar qualquer recurso literário, desde os dialogismos tradicionais ao ensaio do fluxo de consciência, com o intuito principal de excitar tanto o intelectual como o emocional do leitor. As categorias de observação se atentarão especificamente à: *construção cena-a-cena; o uso de diálogos; ponto de vista da terceira pessoa; intensa descrição dos personagens.*

Utilizaremos assim, a técnica de análise de conteúdo, pois segundo Moraes (1999), constitui-se como uma metodologia de pesquisa para descrever e interpretar

todo o conteúdo da classe de textos e documentos, que combinados com o método qualitativo, possibilitam a reinterpretação de mensagens e a obtenção da compreensão de significados, que vai além do senso comum. Diante disso, a técnica de análise do conteúdo se torna a mais adequada para alcance dos resultados desta pesquisa.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante a produção do artigo foram selecionadas duas reportagens de cada uma das revistas, que são: *Meu professor abusador*, publicada pela revista Tpm em 19 de abril de 2018; *Desarmada*, publicada pela revista Tpm em 31 de agosto de 2018; *A história está sendo escrita*, publicada pela revista Trip em 26 de outubro de 2018 e *Cadeia de valor*, publicada pela revista Trip em 5 de novembro de 2018. O critério de escolha foi destacar para esse trabalho grandes reportagens que abordassem temáticas polemicas ou reflexivas publicadas no decorrer de 2018, levando em conta o clima de contestações presentes no país.

Como ressalta Bulhões (2007), a reportagem é um subgênero jornalístico que se destaca em meio aos outros. Por ultrapassar o simples fato de anunciar um acontecimento, a reportagem dedica-se a detalhar os fatos, situando o leitor em torno de suas motivações e implicações, possuindo variantes e formatos, que por vezes, são descritivos, narrativos, expositivos e dissertativos. Construindo assim, a apuração das informações de forma bem elaborada, utilizando-se das técnicas de entrevista e do uso da pluralidade vozes. Analisando as reportagens que foram escolhidas, seguindo os critérios de categorização de Wolfe citados anteriormente, identificamos que as revistas Trip e Tpm fazem o uso do Novo Jornalismo, mais conhecido como jornalismo literário. Como esclarece Scalzo (2006), o jornalismo não é literatura, mas as técnicas literárias podem ser facilmente utilizadas na produção do texto jornalístico. Elas confeririam ao jornalista uma possibilidade de escrever melhor. Scalzo (2003) afirma que o melhor local para se desenvolver tais técnicas é dentro das redações de uma revista. Devido à maior quantidade de tempo que é disponibilizado aos repórteres, eles podem apresentar os personagens e as histórias de forma humanizada, dando o máximo de detalhes possíveis sobre ambos.

4.1 O uso da categoria cena-a-cena

Essa categoria permite ao repórter estruturar a narrativa de cena para cena, constituindo-se um dos elementos mais básicos do jornalismo literário. Tal ferramenta possibilita organizar a história como um imenso quadro, conferindo-a fidelidade e dinamicidade. O recurso potencializa os elementos da notícia, dando maior amplitude à realidade interpretada pelo jornalista. A técnica cena a cena também assegura o rompimento das regras burocráticas que impõem o uso do lead, garantindo, dessa forma, a profundidade aos relatos jornalísticos (MENDES, QUEIRÓS, 2017). Podem ser destacados como exemplos:

“O som alto da televisão anuncia uma vinheta já bem conhecida dos brasileiros. Era fim da tarde quando o plantão do jornalismo da Globo noticiava o atentado contra o presidente Jair Bolsonaro, esfaqueado enquanto participava de um ato de campanha em Juiz de Fora, Minas Gerais. A 350 quilômetros dali, na mineira Itaúna, a notícia chegava para a equipe da Trip em um contexto um tanto simbólico. “O que houve?”, pergunto enquanto me aproximo da TV. “Tentaram matar o Bolsonaro”, Jefferson responde”. (REVISTA TRIP, 2018)

“Um abraço apertado, demorado, do qual as estudantes não conseguiam se esquivar. Os dedos, deslizando pelo corpo e, intrometendo-se dentro da camiseta, acariciavam as costas das alunas e ficavam brincando com o fecho do sutiã. Os olhos indicavam a iminência de um beijo indesejado. O professor pediu para uma universitária sentar no seu colo; para outra, abriu as pernas e a puxou para perto de sua virilha”. (REVISTA TPM, 2018)

“A major Denice Santiago faz piada com as policiais no estacionamento da 5ª Delegacia Civil de Periperi, na periferia de Salvador. Elas usam batom, unhas vermelhas e carregam uma arma na cintura. Acompanhada de duas policiais, a major entra na viatura para visitar uma das 2,4 mil mulheres atendidas pela Ronda Maria da Penha”. (REVISTA TPM, 2018)

Tal recurso pode ser feito de diferentes formas: com “flashbacks”, de forma linear, sem organização cronológica, com retrospectiva, onde as cenas em que os personagens estão inseridos sempre serão a prioridade para a narrativa central. Quando o jornalista faz o uso do item consegue levar o leitor para o ambiente em que história se desenrola, devido à reportagem estar sendo apresentada como uma seqüência de cenas, descritas com um maior número de detalhes.

4.2 O uso dos diálogos nas narrativas

Esse recurso é utilizado para envolver o leitor mais completamente do qualquer outro. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência. (WOLFE, 2005). Como pode ser visto nos exemplos:

“Fui embora desorientado. Nunca me senti tão pequeno e impotente diante de uma realidade tão grande de dor, sofrimento e abandono. ‘O que faltou na vida deles que não faltou na minha.’ Ou: ‘O que eu tive que eles não tiveram?’, eu me perguntava”. (REVISTA TRIP, 2018)

"Ele já me disse uma vez que eu era dele, pertencia a ele. Que tinha que ser leal somente a ele e que era o único homem da minha vida. (...) Ele te faz lavagem cerebral, te promete um Currículo Lattes grande, uma vaga no mestrado e no doutorado, se você continuar sendo bolsista dele. Mas só que tudo isso tem um preço. É o terror psicológico para fazer o que ele acha certo. São as passadas de mão pelo seu corpo. São as frases elogiando como você é bonita e gostosa. É a afirmação de que você é dele. Ele é perigoso, e eu tenho medo todo dia que piso na faculdade". (REVISTA TPM, 2018)

No jornalismo convencional, o texto é elaborado a partir dos moldes da pirâmide invertida e do lead, a partir dos quais os relatos dos personagens ou mais conhecidos como “fontes” são usados com muita discricção, servindo apenas como uma informação, sem que haja uma participação direta destes na ação descrita na matéria. O uso dos diálogos é um recurso que pode ser empregado de outra forma, assim como escreve Tom Wolfe:

“Os escritores de revista, assim como os primeiros romancistas, aprenderam por tentativa e erro, algo que desde então tem sido demonstrado em estudos acadêmicos: especificamente, que o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso. Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso” (Wolfe, 2005, p.54).

A utilização desse item se difere no jornalismo literário, pois nesse modelo de escrita ele serve para descrever situações, e criar ambientes, apresentando a ação dos personagens de forma direta na narrativa.

4.3 Utilizando o recurso do ponto de vista da terceira pessoa

Wolfe (2005) explica que o terceiro recurso é uma técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio de um personagem particular, dando a sensação de estar dentro da cabeça do entrevistado, fazendo que experimentemos a cena como o personagem a vivência. Como é possível verificar nos exemplos:

“Conta, enquanto apresenta os espaços da Apac: a padaria, a cozinha, a horta, a oficina em que os recuperandos montam parte dos aparelhos de ar-condicionado de carros Fiat, o parquinho, as salas de aula e as celas, cujas chaves ficam sob os cuidados deles próprios – não há carcereiros”.

“Nesse momento, o telefone dele toca. É uma advogada de Brasília tentando reivindicar a transferência de um preso para uma Apac. Ele alega que não pode fazer nada a respeito”.
(REVISTA TRIP, 2018)

Nas matérias selecionadas, esse recurso é pouco utilizado, mas ele tem a finalidade de transferir ao repórter o caráter de narrador-testemunha. A utilização desse método pelo repórter pode exprimir seu parecer de como o leitor deve ser posicionado, de perto ou distante da trama, às vezes revezando entre os dois pontos.

4.4 Intensa descrição dos personagens

De acordo com Wolfe, o último recurso sempre foi o menos compreendido, ele é o registro que o repórter constrói dentro do texto, descrevendo os gestos, hábitos, maneiras, comportamento e outros detalhes simbólicos que expressem o status de vida da pessoa, no caso, o personagem. Exemplos:

“Jefferson é detento – ou melhor, “recuperando” – e está cumprindo pena pela segunda vez, recém-chegado do sistema prisional comum. Educado e solícito, conversa e responde naturalmente às perguntas curiosas que surgem sobre o seu passado (no crime)”. (REVISTA TRIP, 2018)

“Denice, 47 anos, é áries com escorpião, filha de Iansã – uma orixá guerreira e determinada –, mãe de um garoto de 17 anos (fruto de seu primeiro casamento) e “nega” para os mais próximos”. (REVISTA TPM, 2018)

Este recurso é utilizado pelos jornalistas que buscam fazer um texto literário, pois é um método que possibilita ao repórter a descrição detalhada de um personagem a partir do registro de gestos ou peculiaridades que podem caracterizar a personalidade ou status de vida do personagem. Nas matérias analisadas, essa categoria é minimamente

usada, sendo identificada apenas nesses dois exemplos, nos quais o repórter descreve os personagens a partir de características de suas personalidades e status social.

4.5 Identificando o jornalismo de Gonzo

La-Rocque (2006) explica que o gênero jornalístico gonzo faz com que o repórter tenha liberdade de fazer o uso da primeira pessoa, rompendo assim a distância comum existente entre ele e o leitor, tornando o texto mais pessoal, opinativo e participativo. O jornalista tem a oportunidade de fugir da objetividade, característica tão marcante no jornalismo convencional. Desta forma, o jornalista traz para o texto um olhar subjetivo sobre fatos, a partir de suas experiências. Tornando a construção do texto um estilo próprio.

“Tudo bem quando se tem 70, meu caso, porque o futuro deve ser menor que o passado, portanto o risco de erro é menos relevante. Mas o que fazer quando se educam crianças para um futuro que não sabemos como será?”

“Quanto a presidente, serei bem pragmático dentro dos meus princípios, em busca de um governo de transição. Minhas crenças me aproximam de Marina e me afastam radicalmente de Bolsonaro. A ética ou a prudência me afastam do PT e dos demais”.

Tenho viajado pelo Brasil a convite de empresários que estão reconhecendo sua omissão na gestão da coisa pública e propondo agir efetivamente para influenciar a condução do Estado. (REVISTA TRIP, 2018)

Os exemplos selecionados são de uma mesma matéria, que tem fortes traços do jornalismo de gonzo, onde o autor faz a narrativa do texto jornalístico baseando-se em sua experiência com o universo retratado, levantando críticas e reflexões a respeito do controle de “coisas” públicas no país, especialmente a educação.

4.6 Comparativos entre os recursos utilizados nas duas revistas

Com base nas análises feitas, apresentaremos os resultados do estudo comparativo entre as revistas. Identificamos que nas reportagens da revista Tpm há o uso das categorias do jornalismo literário, porém de forma mínima. Encontramos nas narrativas tais recursos: *cena a cena, uso de diálogos e intensa descrição dos personagens*. Percebemos que a utilização destes recursos variou conforme o tema da reportagem, como, por exemplo, a reportagem com o título *Meu professor abusador*,

que abordou o assunto de assédio sexual dentro das universidades. As repórteres usaram na construção do texto, a categoria *cena a cena*, para apresentar uma visão mais ampla da realidade, rompendo dessa forma, as regras burocráticas do *lead*, garantindo fidelidade e dinamicidade ao enredo jornalístico. O uso de *diálogos* teve a função de fazer com que os leitores tivessem dimensão das experiências vividas pelas personagens. Enquanto que na matéria *Desarmada*, retrata-se a história de vida da major Denice Santiago, de 47 anos, uma das primeiras mulheres a ter a oportunidade de participar de um concurso da Polícia Militar baiana. Denice há três anos está à frente da Ronda Maria da Penha, que acompanha duas mil mulheres sob medida protetiva. Nesta reportagem em especial, detectamos que as técnicas descritas por Wolfe foram utilizadas de forma modesta, apresentando apenas duas categorias, *cena a cena e descrição do personagem*, experimentados respectivamente pelos repórteres em dois momentos para descrever a personalidade da personagem, dando ao leitor a possibilidade de visualizar as fortes características da major Denice.

Do mesmo modo, a revista Trip faz pouco uso das técnicas literária, mas ainda assim foram encontrados os recursos do jornalismo literário, como: *cena a cena, o uso dos diálogos, a intensa descrição dos personagens, e ponto de vista da terceira pessoa*. Um exemplo claro disso, é a matéria *Cadeia de Valor*, que conta a história de Valdecir Ferreira, 56 anos, que há 35 anos dedica toda sua vida para ser voluntário no presídio, que funciona de acordo com o modelo da Apac (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados). Nesse enredo jornalístico, percebemos a utilização do recurso *uso dos diálogos*, que vem como forma de apresentar ao leitor, sob a ótica do personagem, a experiência vivida por ele, na qual a voz do sujeito direciona para um lugar, e expressa uma realidade social. Já a matéria que leva como título *A história está sendo escrita*, apresenta características do jornalismo de gonzo. A reportagem aborda o tema problemático sobre as relações entre o controle público e privado da educação brasileira e a narrativa jornalística é construída a partir das experiências do repórter sobre a problemática abordada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo literário e uma das suas vertentes, o Jornalismo Gonzo, assumiram uma importante função, pois trouxeram novas possibilidades na construção do texto jornalístico, e potencializaram os recursos da instituição, fazendo com que o leitor

mergulhe dentro da reportagem. Dessa forma, leva em conta o princípio de que a comunicação é libertadora, e vai muito além do que simplesmente noticiar pequenos fragmentos da realidade.

Ao analisar as duas reportagens de cada uma das duas revistas, Trip e Tpm, constatou-se que ambas fazem uso do jornalismo literário, e somente em uma delas verificou-se o jornalismo de gonzo, que foi o caso da revista Trip. Outra constatação é de que houve uma mesclagem das características do jornalismo literário com o jornalismo convencional, de acordo com o tema da reportagem.

Nas reportagens *Meu professor abusador*, publicado pela revista Tpm, em 2018. *Desarmada*, publicada pela revista Tpm no mesmo ano e *Cadeia de valor*, publicada pela revista Trip em 2018, foram identificados traços do jornalismo literário, ainda que de forma sucinta. Enquanto na matéria *A história está sendo escrita*, publicada pela revista Trip em 2018, identifica-se também de forma discreta o uso do gênero gonzo na produção do texto jornalístico.

Conclui-se por meio deste trabalho que as revistas Trip e Tpm acrescentam em suas construções de narrativas o jornalismo literário, buscando assim fugir da construção convencional, apontada por Edvaldo Pereira Lima como defasada. A utilização de tais técnicas possibilita ao leitor um universo jornalístico aprofundado e humanizado, utilizando características literárias frequentemente usadas em textos de ficção, para a construção jornalística de histórias reais. O uso destes gêneros traz imenso ganho ao leitor, pois possibilita que o jornalista não fique limitado a conteúdos básicos das matérias, fazendo assim com que o consumidor das reportagens, tenha acesso aos acontecimentos sobre sua sociedade de uma forma dinâmica e não convencional.

REFERÊNCIAS

BITTENCOUR, Bruna. **Desarmada**. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/Denice-Santiago-a-major-a-frente-da-ronda-maria-da-penha>. Acesso em: 10 de abril.2019

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo: O filho bastardo no New Journalism**. Porto Alegre-RS, 2003. Monografia de conclusão do curso de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em < <http://qualquer.org/gonzo/monogonzo/>> Acesso em 05 abril. 2019;

FURTADO, Thaís. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico M. B. SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso Ltda, 2013. p.149-160

GUERRA, E. L. de. **Manual de pesquisa qualitativa: método quantitativo ou qualitativo**. Grupo anima educação. Belo Horizonte. 2014.p. 8-15

GUIMARAES, Ricardo. **A história está sendo escrita**. <https://revistatrip.uol.com.br/trip/ricardo-guimaraes-fala-sobre-o-futuro-e-as-relacoes-entre-publico-e-privado-em-prol-da-coisa-publica>. Acesso em: 10 de março. 2019

MATOS, Jhonatan. **JL Entrevista: “Existe um interesse social por narrativas reais de qualidade”**. Disponível em: <https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/2013/11/11/jl-entrevista-existe-um-interesse-social-por-narrativas-reais-de-qualidade/>. Acesso em: 10 de abril. 2019

MENDES, Francielle Maria Modesto; QUEIROS, Francisco Aquinei Timóteo. Construção cena a cena: a narrativa jornalística como mosaico lítero-factual em Chico Mendes: crime e castigo, de Zuenir Ventura. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 156-173, ago. 2017 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732017000200156&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 de março . 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457326786>.

MORAIS, R. **Análise de conteúdo**. Porto Alegre: Revista Educação, 1999.

PENA, Felipe. **Conceitos e histórias**. In: **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.p. 21-113

POMPEU, Anita. **Cadeia de valor**. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/para-Valdeci-Ferreira-homenageado-da-trip-transformadores-2018-bandido-bom-e-bandido-recuperado>. Acesso em: 01 de abril. 2019

SAYURI, Juliana. LINDER, Larissa. **Meu professor abusador**. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/estudantes-relatam-situacoes-de-intimidacoes-e-caricias-inapropriadas-professor-nega-acusacoes>. Acesso em: 01 de abril. 2019

WOLFE, Tom. **Do livro the new journalism**. In: **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Schawarcz Ltda. 2005. p. 9-86